

Estudo 05 - Parábolas que ensinam sobre a mordomia

Segundo o dicionário, uma das definições para mordomia é a responsabilidade de gerenciar ou administrar a propriedade de uma outra pessoa. Uma das grandes tentações enfrentadas hoje é o extremo materialismo que nos envolve. Somos levados a pensar que o sucesso é ter abundância de bens, quando o sucesso do cristão deve ser avaliado pelo ser ele um cumpridor da vontade de Deus. Jesus deixou através de suas parábolas alguns ensinamentos que nos fazem refletir.

MORDOMIA DA VIDA

Através da parábola das dez virgens, que é uma narração de um casamento oriental, Jesus apresenta todo o cerimonial de uma festa. Tanto o noivo quanto a noiva eram acompanhados por muitas pessoas. Geralmente acontecia à noite, e o noivo vinha de longe, sendo imprecisa a hora da sua chegada. Na sua chegada, deveriam estar preparadas aquelas que iam saudá-lo. Por esta razão, elas deviam estar preparadas não somente com as lâmpadas cheias, mas com uma reserva, prevendo um atraso possível (Mt 25.1-13). De certa forma, o simbolismo da lâmpada e do azeite tem sido comparado à dupla inseparável da vida cristã: fé e obras. Mas deve-se pensar na vida como lâmpada acesa, bem abastecida pelo azeite da presença de Deus, que irradia o testemunho daquilo que ele faz na vida de seus filhos. Uma vida produtiva e útil, sustentada pela graça de Deus que alimenta e fortalece o coração. Atos 10.38 nos afirma que mesmo Jesus realizou o seu ministério pregando e curando, porque Deus estava com ele. O azeite do Espírito de Deus é que mantém a lâmpada espiritual acesa. Sem ele, a vida é como uma árvore sem raízes. Falta profundidade no relacionamento com Deus. A Bíblia não diz que faltava azeite para aquelas que deveriam acompanhar o noivo. O que lhes faltava era a provisão necessária para as possíveis dificuldades que enfrentariam. E eram elas que deveriam cuidar disso, e não o noivo quando chegasse. O princípio da vigilância espiritual sobre nossa vida é algo que tem sido negligenciado. E quando enfrentamos aqueles momentos em que nosso caráter espiritual é testado, sentimos este peso. Quando chega a meia noite espiritual, os momentos de crise, de confusão, o amor começa a esfriar, a fé começa a esmorecer. Nesta hora se revelam aqueles que vivem apenas uma vida religiosa de aparências, superficial, sem amor e intimidade com Deus. Este é um aspecto importante da parábola. Ela não diz respeito a quem não esperava o noivo. Estavam todas esperando. Suas lâmpadas estavam com elas, mas não tinham o que era essencial. E certamente não é nossa a capacidade para julgar, mas que podemos dizer daqueles que pregam hoje que quem é crente não passa por problemas?

Que Deus não permite que seus servos sofram? E quando surgem, então, as dificuldades, começam a correr de um lado para outro, buscando lugares onde haja mais poder. Quantos têm se agarrado a este evangelho fácil que diz que 'crente não enfrenta problemas', que 'Deus proverá', e outras frases como estas. Mas não há como fugir do fato de que a responsabilidade de manter a reserva é nossa. A parábola nos mostra outra verdade espiritual. Ninguém pode compartilhar o Espírito de Deus com outra pessoa. Dentre os movimentos que estão pipocando hoje figura um chamado de "sopro do Espírito", em que alguém supostamente muito espiritual sopra, literalmente, o Espírito sobre aqueles que querem. A palavra de Deus é clara em afirmar que o Espírito Santo é de Deus. É ele que o dá, de acordo com sua vontade, para que seus propósitos sejam realizados (Hb 1.9). A vida espiritual é algo que se cultiva diariamente. Quanto mais tempo gastamos com Deus, mais se aprofunda nosso conhecimento dele, mais experimentamos suas bênçãos. Outro princípio bastante atual está presente nesta parábola. Quando aquelas imprudentes chegaram, atrasadas, querendo entrar para o banquete, a resposta do noivo foi: "Vão embora, não conheço vocês". Nunca é demais repetir o quanto devemos ser cuidadosos acerca destes movimentos que se multiplicam com nome de igreja. Muitos deles se autoproclamam cheios de azeite. Cheios de poder. Desconhecem que a unção vem de Deus. Que o estudo da sua Palavra é que, à medida em que isto acontece, Ele então nos encontra prontos para realizar o seu propósito e, para isto, nos capacita com o seu poder.

A MORDOMIA DOS DONS

Na parábola anterior, a ideia fundamental é de vigilância. Mordomia da vida que Deus nos deu. Na passagem encontrada em Mateus 25.14-30 a ênfase está no trabalho. Fala-nos acerca do uso dos dons, ou talentos, que identificam o tipo de experiência individual que estamos desfrutando com Deus. A primeira parábola nos lembra da igreja de desfrutarmos da presença e companhia de Deus. É uma festa, é alegria. A segunda nos fala das tarefas desta vida, da responsabilidade que está implícita no gozo de qualquer privilégio. A ênfase não estava nas riquezas, ou no quanto cada um havia recebido, mas na diferença de vocações ou talentos que cada um recebe. A entrega dos talentos consiste numa prova para a capacidade e fidelidade de cada um dos servos, da mesma forma como Deus prova cada um que chama para o seu serviço. A utilização dos dons que Deus nos dá expressa a confiança que temos depositado em Deus, manifesta a eficiência pessoal adquire uma relevância social. Ninguém trabalha para si mesmo. Aqui, uma vez mais, fica demonstrando o valor dado por Jesus ao trabalho como algo que dignifica, exalta aquele que o faz. Relembrando a lição anterior, o pouco estímulo dado ao trabalho como forma de honra para aquele que trabalha, cultivado em muitas nações de formação católico-romana, certamente não tem nenhum referencial nos ensinamentos de Jesus. O discípulo de Cristo deve destacar-se em tudo que faz: na sua profissão, nos seus estudos nos afazeres diários, no emprego de seus talentos, deixando claro que existe uma motivação maior.

RECOMPENSA JUSTA

Deus tem dotado seus filhos com dons diferentes. Não existe uma comparação qualitativa nestes dons, melhores ou piores. Também não é simplesmente quantitativa, mais ou menos. Mais todos recebem o suficiente para desempenhar suas funções. O que estabelece a diferença é a fidelidade com que estes dons são desenvolvidos.

A recompensa está disponível para todo que age com fidelidade. O sucesso da vida espiritual não está no êxito alcançado, mas na fidelidade para com o Senhor da obra.

Quando somos fiéis, Deus nos chama para novas atividades, novas responsabilidades.

Assim como o corpo humano, se os dons não são utilizados eles vão se atrofiando. Quem já teve um braço ou perna engessado durante algum tempo sabe que, ao retirar o gesso, este membro fica mais fino do que o outro, que continuou com suas atividades normais. O servo que perdeu sua parte nos dons não representa aquele servo infiel que aparece em Lucas 15.13. Também não é aquele que depois se tornou intolerante com quem também lhe devia algo, em Mateus 18.28. Mas seu erro foi aquele que caracteriza tantas pessoas nas igrejas, hoje: ficar sentado, acomodado, muitas vezes apenas criticando aqueles que fazem alguma coisa. E no final da história, ainda quis transferir sua responsabilidade para o Senhor, que colhia onde não plantara, que juntava onde não semeara. Há muitas igrejas que, ao escolher um pastor, querem que ele seja um bom pregador, visitador, amigo, que esteja sempre à disposição, quase que infalível, preparado para o que der e vier. Mas quantas vezes isto tem servido apenas como uma desculpa, ou uma cortina, para esconder aqueles que não querem fazer nada e despejam sobre o ministro de Deus aquilo que é sua responsabilidade? Com isto escondem também os dons que Deus lhes tem dado, a fim de que contribuam fielmente para o crescimento de seu reino.

O servo infiel agiu como se o Senhor tivesse feito dele apenas um guardião. É mais fácil enterrar os dons e não assumir responsabilidades. Não podemos esquecer que coragem e ousadia são características do ministério para o qual Deus nos chama. Somente no Novo Testamento esta palavra – coragem – é usada 76 vezes para expressar como era feita a obra de Deus. Paulo foi adiante ao recomendar a Timóteo que ninguém desprezasse o dom que havia nele (1 Tm 4.14). O livro de Apocalipse diz que devemos guardar aquilo que nos foi confiado, para que ninguém tome nossa coroa (3.11).